



Lesbianidades em rede: visibilidades e invisibilidades no YouTube¹

JOANA ZILLER²

FLORA VILLAS CARVALHO³

GAB LAMO UNIER⁴

ISADORA FACHARDO⁵

LEÍNER HOKI⁶

LÍDIA DE PAULA FERREIRA TEIXEIRA⁷

MARINA MORENA⁸

Resumo

A pesquisa tem caráter exploratório e pretende mapear redes de mulheres lésbicas na plataforma do YouTube, atentando para seu caráter híbrido e intermediário. Mesclamos métodos digitais e manuais em busca de um melhor resultado analítico do que nos propomos fazer. Desta forma, as coletas foram realizadas de forma digital, mas todo o processo de estudo e classificação dos dados foram feitos manualmente.

A partir de duas coletas por vídeos com as palavras “lésbicas” e “sapatão”, geramos gráficos para análises e comparação entre elas em busca de entender como esses conceitos são construídos de forma coletiva, tendo em vista que o YouTube é uma rede social. Considerando, também, os jogos de visibilidades e invisibilidades constituintes de tais redes e olhando para as práticas sociotécnicas usadas em sua constituição e manutenção.

Pensando o conceito de vigilância no sentido do controle que sofrem determinados corpos a partir de suas performances, a pesquisa evidencia como tal efeito ocorre nas fronteiras da feminilidade. Nesse sentido, aquele corpo que se distancia do lugar do feminino está mais suscetível a ser questionado, sendo este lésbico ou não. A vigilância age de forma a caracterizar os corpos, e desta forma, demarcar suas vivências e performances.

¹ As autoras agradecem à Fapemig pelo apoio no desenvolvimento da pesquisa *Tática e estratégia no YouTube: redes de mulheres não-heterossexuais*, da qual este artigo faz parte.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG e do Departamento de Comunicação Social da UFMG. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Conexões Intermediárias (NucCon/UFMG) e do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (Nuh/UFMG). E-mail: joana.ziller@gmail.com

³ Graduanda em Antropologia (UFMG), Integrante do Grupo de Pesquisa Gênero e Sexualidade (GESEX/UFMG). E-mail: flora.villascf@gmail.com

⁴ Mestre em Psicologia (UFMG), Integrante do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (Nuh/UFMG). E-mail: gab.anfibia@gmail.com

⁵ Graduanda em Comunicação Social (UFMG). Email: isadorafachardo@gmail.com

⁶ Mestranda em Artes (PPGARTES UFMG). E-mail: leinerhoki@gmail.com

⁷ Mestranda em Artes (PPGARTES UFMG). E-mail: leinerhoki@gmail.com

⁸ Graduanda em Antropologia (UFMG), Integrante do Grupo de Pesquisa Gênero e Sexualidade (GESEX/UFMG). E-mail: mrn.marina13@gmail.com

Assim, existe um constructo produzido sobre uma forma do que é ser “lésbica” e do que é ser “sapatão”. A pesquisa investiga de que forma isso é apresentado no YouTube, tendo em vista que o cruzamento da sexualidade com as questões de raça e o fator socioeconômico agrava a fronteira entre esses dois termos.

Palavras-chave: lésbicas; sapatão; corpos; visibilidades; YouTube.

Introdução

No YouTube, que tipo de conteúdo está vinculado aos termos “lésbicas” e “sapatão”? O que os vídeos nos dizem sobre as leituras sociais acerca das experiências das lesbianidades? O que as mulheres não heterossexuais produzem sobre essas vivências? Buscando responder a essas questões, fizemos duas coletas por vídeos no YouTube com as palavras “lésbicas” e “sapatão” e construímos uma análise sobre gênero, sexualidades, poder, norma e vigilância. A busca por esse material foi feita como um enfrentamento à invisibilidade lésbica, isto é, o apagamento sistemático das lesbianidades, tanto no que diz respeito às políticas públicas, representações midiáticas ou nas artes e na sociabilidade. Dessa forma, estruturamos nosso artigo da seguinte maneira: contextualização do debate teórico sobre as lesbianidades; apresentação dos conceitos de norma e vigilância; procedimentos metodológicos para construção e análise dos dados e breves considerações finais.

Lesbianidades

Fancha, bolacha, paraíba, racha, tomba, entendida, lésbica, sapatão. As nomenclaturas voltadas às homossexualidades femininas são múltiplas, assim como suas vivências. Tratar da temática das lesbianidades pressupõe olhar para questões de gênero e orientação sexual. Nosso primeiro impulso seria de conceituar lésbicas como “mulheres homossexuais”. Entretanto, não há, como veremos a seguir, consenso nem sobre como denominar/caracterizar tais sujeitos, menos ainda sobre os elementos convocados para tal nomenclatura (*mulheres e homossexuais*).

Publicada em 1949, a afirmação de Simone de Beauvoir de que “Não se nasce mulher, torna-se” é provavelmente a mais repetida frase da filósofa. Remete à ideia de que as identidades são social e culturalmente constituídas, mas também para a questão de que elas se dão a partir de um corpo, que inclui no mínimo uma materialidade, uma subjetividade, uma inserção espaço-temporal. A pretensa essência feminina foi fartamente refutada por pesquisadores como Beauvoir (1949), Guillaumin (1994), Butler (2003) e Raewyn & Pearse (2015), dentre outras, muitas das quais aproximam a ideia desessencializada da mulher a modos de performar o gênero, portanto, a algo que não se é, mas que se constrói.

Partindo da ideia de que há modos de performar, e não uma essência, seria possível fazê-lo de maneiras diversas. Diferentes formas de vestir, de desejar, de amar e compartilhar a vida cotidiana, de andar, de fazer sexo, de resistir e de ser dócil, de se aproximar e se afastar dos papéis de gênero... uma grande variação delas deveria caber nessa identidade. Mesmo assim, as mulheres lésbicas são frequentemente subalternizadas na categoria do feminino, vistas como “menos” mulheres.

A negação à categorização das lésbicas como mulheres também se dá em sentido oposto, como forma de reação. Para Wittig, “as lésbicas não são mulheres” (1980: 6). Teórica do feminismo materialista, Wittig defende que o termo “mulher” tem significado apenas em sistemas de pensamento heterossexuais e em sistemas econômicos heterossexuais” (1980: 6), caracterizando assim a heterossexualidade como uma espécie de regime político recusado pelas lésbicas.

Por permanecerem alheias à dominação masculina, as lésbicas não poderiam ser enquadradas como mulheres e, por também não poderem ser vistas como homens, estariam além da categoria do sexo/gênero (LESSA, 2007). Ainda que seja possível questionar essa forma de dividir a inserção social de mulheres hétero e não-hétero, os argumentos de Wittig ajudam a entender que, se à lésbica é frequentemente socialmente negada a identificação plena como mulher⁹, a forma de reagir a tal negação não é uniforme. A categorização ou a identificação como mulher encontra rugosidades sob diversos aspectos.

Se não há consenso ao categorizar lésbicas como mulheres, também não se dá pacificamente a própria noção de lesbianidade como algo estanque. Mícolis (1980) relata ter afirmado, em uma entrevista, que a lésbica “deve ser um ser estranho, tipo marciano. Eu nunca vi uma” (1980: 73), questionando a divisão das mulheres em lésbicas e não lésbicas. Na mesma época, Rich (2010) apresentava a ideia de um continuum lésbico, que abarcaria não apenas as mulheres que mantêm relações sexuais ou sentem desejo consciente por outras mulheres, mas, muito além disso, valorizaria:

[...] os aspectos de identificação das mulheres, tão diversos como as amigas, tão íntimas e impudentes, de meninas de oito a nove anos ou as associações daquelas mulheres dos séculos doze e quinze, conhecidas como Beguines, que “dividiam e alugavam casas de umas e outras, as repassavam para suas companheiras de quarto [...] casas baratas subdivididas na área dos artesãos da cidade”, que “praticavam a virtude cristã por si próprias, vestindo-se e vivendo de modo simples e sem se associar com homens”, as que ganhavam suas vidas como doceiras, solteironas, enfermeiras, as que mantinham escolas para jovens garotas e que conseguiram – até que a Igreja as forçasse a se dispersar – viver independentes tanto do casamento quanto das restrições dos conventos. Tudo isso nos permite conectar essas mulheres com as mais celebradas “lésbicas” da escola de mulheres ao redor de Safo do século VII a.C, com as sociedades secretas e as redes econômicas que se encontram entre mulheres africanas e com as irmandades chinesas de resistência ao casamento – comunidades de mulheres que se

⁹ Rich (2010) já mostrava que, em um contexto de heterossexualidade compulsória, a lésbica é vista como desviante de um natural direcionamento aos homens ou como alguém que vive uma amargura diante deles.

recusaram a casar ou que, se casadas, comumente se recusavam a consumir seus casamentos e logo deixavam seus maridos, as únicas mulheres na China que não tiveram seus pés amarrados e que, segundo diz Agnes Smedley, festejavam os nascimentos de meninas e organizavam bem-sucedidas greves de mulheres nas fábricas de seda (2010: 38-39).

Rich (2010) reivindica o uso das expressões *continuum lésbico* e *existência lésbica*, argumentando que o termo *lésbica* foi de tal maneira tomado pela medicalização e, mais amplamente, pelo patriarcado que as diversas formas de amizade e companheirismo entre mulheres foram separadas do caráter erótico, o que o apartaria, estabelecendo um fechamento em si mesmo.

A determinação de um recorte para o que se enquadraria na ideia de lésbica e para a adequação da adoção do termo seguem a ressoar atualmente. Agostini (2010) aponta um patamar mínimo como definição de lésbica, como mulheres que preferem se relacionar sexualmente com mulheres. Facchini, por motivos operacionais, adota “mulheres com práticas homoeróticas” (2008, p.199). Outras abordagens, por diferentes motivações, também evitam o termo *lésbica*, ampliando o escopo. Pinheiro (2018) registra o uso de Mulheres que Amam Mulheres (mam, ou, nos fandoms analisados por ela, *Women Who Love Women*, representado pela sigla *w/w*). Similar ao mam, o MSM¹⁰, ou mulheres que fazem sexo com mulheres, é usado por abordagens epidemiológicas - nos dois casos, com a possibilidade de incluir mulheres bissexuais e outras que preferem não se identificar na sigla LGBTI, escapando à delimitação identitária.

Mas se afastar da noção de identidade, ainda que importante para abordagens como a epidemiológica, também traz desvantagens. Em primeiro lugar, é preciso pontuar o óbvio: todo recorte é excludente. Ao adotar o MSM, por exemplo, as abordagens epidemiológicas ampliam o escopo de políticas para além das lésbicas. Entretanto, deixam escapar as mulheres que se identificam como lésbicas, mas não são adeptas a práticas sexuais. O mesmo vale para o mam, com um agravante: ao apontar especificamente para o amor, e não para a sexualidade, o mam também desconsidera mulheres que fazem sexo com mulheres sem um envolvimento amoroso e pode ajudar a fortalecer a ideia da mulher como um ser pouco sexuado, alheio ao desejo (ARC, 2009; GIMENO, 2008; MÍCOLLIS & DANIEL, 1983).

Por outro lado, a reafirmação das identidades, secundarizadas em termos como MSM e mam, é tida como muito importante por vários segmentos envolvidos direta ou indiretamente com as homossexualidades, como os movimentos sociais (Almeida & Heilborn, 2008), ainda que, como defende Laclau (1986), a flexibilidade seja inerente à percepção das identidades e que a interseccionalidade não possa ser desconsiderada. Facchini (2008) ainda registra que é preciso atentar para o risco, apontado por Carrara & Simões sobre a sigla HSH (Homens que fazem sexo com

¹⁰ Adota mos as grafias originalmente propostas para mam (em minúsculas) e MSM (em maiúsculas).

Homens), de dissolver “a questão da não-correspondência entre desejos, práticas e identidades numa formulação que recria a categoria universal ‘homem’ com base na suposta estabilidade fundante do sexo biológico” (CARRARA & SIMÕES, 2007: 94).

Mesmo no âmbito das identidades, o sexo não é o único elemento a ser considerado. Almeida e Heilbom (2008) apontam a construção da identidade lésbica como um processo que imprime mudanças ao corpo - ainda que, do nosso ponto de vista, tal alteração seja possível, mas não obrigatória. Para Brandão (2010), a construção das identidades lésbicas é um processo social que articula o gênero, a sexualidade e os afetos. Entretanto, ressalta que nenhum desses elementos é estático como a definição de uma identidade pode pressupor, apontando os riscos de se fixar uma identidade.

Chegamos, assim, a uma dupla ideia de lesbianidade, como prática e identidade. Por um lado, é possível se identificar como lésbica - e tal afirmação deve bastar para além de qualquer questionamento. Mas também é possível olhar a questão de forma menos marcada pela identidade, a partir de práticas cotidianas que independem de alguém se afirmar como algo. Nesse sentido, o continuum lésbico proposto por Rich ajuda a perceber que uma mulher pode, por exemplo, fazer sexo com outra(s), se envolver de forma romântico-afetiva ou imprimir mudanças ao seu corpo que aproximem sua aparência física à de *butches* sem se identificar como lésbica. Tais práticas, socialmente vistas como caracterizadoras das lesbianidades, se inseririam em um continuum lésbico, mas são insuficientes para delimitar identidades - poderiam ser vividas por mulheres que se identificam como bissexuais ou mesmo como heterossexuais.

Não cabe a ninguém determinar, extemamente, o ponto de divisão entre práticas e identidade lésbica, se trata de algo subjetivo. Por isso é que, em nosso corpus, partimos de um recorte pré-estabelecido, analisamos vídeos marcados por quem os publicou com as tags lésbicas e sapatão, como detalhamos na seção voltada à metodologia.

Norma e vigilância

Para pensar as lesbianidades e os discursos produzidos no atual cenário, partimos aqui das formas pelas quais estas experiências são construídas pelo uso cotidiano das tecnologias digitais, da internet e das redes, principalmente quando consideramos os vídeos do YouTube cujos títulos induem os termos “lésbicas” e “sapatão”. Nos aproximamos, assim, da ideia de que as formas pelas quais a vigilância se manifesta na era digital contribuem para ampliar e refazer as maneiras pelas quais os mecanismos de controle e intervenção incidem sobre os corpos, tal como aponta Fernanda Bruno (2013). Para ela, a vigilância nas redes retoma a discussão sobre o modelo panóptico, em que poucos

controlam as vidas, corpos e produções de muitos a partir de dispositivos *centralizados* de mapeamento e vigília. Contemporaneamente, a vigilância se dá de maneira distribuída, formada “a partir de elementos heterogêneos, constituindo uma rede multifacetada, plena de conflitos e ambiguidades” (BRUNO, 2013: 17).

As redes conformam “a um só tempo máquinas de vigiar, conhecer, punir, curar, reformar” (BRUNO, 2013: 21) e se configuram principalmente a partir de monitoramentos de dados implementados por empresas e governos, mas também, em menor escala, por grupos independentes. De maneira menos sistematizada, ainda é possível pensar no monitoramento de usuários entre si, exercida mais horizontalmente, principalmente por meio das redes e mídias sociais.

Bruno (2013) identifica que ações de vigilância envolvem sempre uma observação sistemática e focalizada sobre um indivíduo ou grupo, com o objetivo de produzir conhecimento e intervir sobre os mesmos, de modo a influenciar no seu modo de vida. A produção de vídeos com conteúdos lésbicos, em alguma medida, dialoga também com essa perspectiva. A busca por materiais que possuam uma representação da diversidade sexual e de gênero responde às limitações de acesso a essa realidade, uma vez que as experiências lésbicas, historicamente, são invisibilizadas nas artes, mídias e demais produções culturais.

A partir de tais contribuições, examinamos como os corpos de mulheres lésbicas representados nos vídeos de nosso corpus são alvo de sanções normalizadoras. Além disso, a construção do nosso trabalho e a análise do material coletado foi feita a partir de diálogos com a proposição foucaultiana sobre as normas e os processos de subjetivação.

Foucault (2014) analisa os processos de subjetivação na modernidade considerando o investimento discursivo e material sobre o corpo. De acordo com o autor, a produção do sujeito conta com intervenções normativas que atuam diretamente sobre as miudezas do corpo, a partir da consolidação de um regime de inteligibilidade específico. Baseada na prescrição do que seriam os comportamentos normais e anormais, a norma atua sobre os processos de socialização de modo a organizar, hierarquicamente, os modos de existir.

Para o autor, o poder deve ser compreendido, contemporaneamente não como uma verticalidade unilateral, partindo de uma autoridade e afetando os demais indivíduos, mas em uma dimensão reticular, que penetra no cotidiano e em todas as relações que estabelecemos socialmente. É exatamente aí que está a sua potência, assim como das tecnologias a ele vinculadas, uma vez que, ao se fazer presente em uma dimensão íntima, as redes de poder afetam a todos nós em diversos aspectos da nossa vida.

Butler (2014) propõe uma ampliação dessa ideia quando analisa os fenômenos subjetivos e políticos a partir das normas de gênero. A proposta da autora agrega à visão foucaultiana a questão da constituição generificada das pessoas e relações. Do mesmo modo que Foucault, Butler considera que a construção das subjetividades não é produto apenas de um caráter “repressivo” das normas. Elas são os operadores responsáveis por incorporar os sujeitos no meio social, não somente *limitando* mas, principalmente, *produzindo* as subjetividades.

Seguindo essa linha, buscamos refletir sobre as formas como o poder disciplinar¹¹ opera sobre os corpos e, especialmente, sobre as sexualidades. Ao partirmos do pressuposto de que a norma e o poder são produtores de identidades e subjetividades, podemos perceber que os corpos acabam por manifestar o próprio poder que incide sobre ele. Nesse sentido, a performance de gênero é um exemplo importante que nos auxilia a visualizar esses mecanismos, uma vez que, ao atuar determinado gênero, as normas que o definem como tal são explicitadas pelo próprio sujeito em seu agir.

Desse modo, as normas de gênero, ao colaborarem de modo fundamental para os processos de construção de cada sujeito, regulam o que irá ser ou não reconhecido como humano. A lesbofobia é sistema complexo de humilhações que funciona como um agente dessa norma. Nos vídeos que analisamos, foi possível identificar como a vigilância sobre determinados corpos é acionada de modo a tentar controlar o que era considerado como desvio de gênero e sexualidade. Na coleta, foi recorrente a identificação de que algumas lésbicas, percebidas como “mais femininas” ocupam espaços misóginos de fetiche que as objetificam; enquanto outras pessoas, lidas como lésbicas “mais masculinas”, recebem sanções reguladoras com objetivos de extermínio dessa experiência.

Se, segundo Rich (2010), a heterossexualidade compulsória funciona de modo a “assegurar o direito masculino de acesso físico, econômico e emocional” (RICH, 2010: 34) às mulheres, nos parece que ela atuaria em conjunto com a vigilância, incidindo sobre esses corpos de modo a garantir a manutenção da heterossexualidade como norma. Nesse sentido, nos propomos questionar como a vigilância opera em conjunto com a heterossexualidade compulsória sobre os corpos das mulheres lésbicas.

¹¹ Paul Preciado (2011) é outro autor que busca atualizar as contribuições de Foucault sobre os regimes de poder e controle a partir da norma. Ele desenvolve seu argumento de modo a pensar não apenas as transformações do regime, mas também as repercussões do poder sobre os corpos e vivências. Preciado (2011) analisa a maneira como diante da crescente intervenção de biotecnologias – médicas, virtuais, codificadas, midiáticas, algorítmicas – a partir da Segunda Guerra Mundial estaríamos operando sob um novo regime de poder (e não mais o disciplinar), nomeado pelo autor como um regime fantasmagórico. Este regime se caracterizaria principalmente pela gestão dos corpos, gêneros e sexualidades a partir de instrumentos biotecnológicos como as pílulas anticoncepcionais, cirurgias estéticas e de redesignação de gênero, a pornografia, as redes sociais, os drones etc.

Procedimentos metodológicos

Discutimos, aqui, dados recortados de parte de uma pesquisa de caráter exploratório que tem como um de seus objetivos mapear redes relacionadas a lesbianidades no YouTube. A discussão parte da percepção de que há uma escassa produção acadêmico-científica relacionada às lesbianidades, mesmo no que tange aos estudos LGBTI. Para este artigo, selecionamos na coleta dados identificados por nós como diretamente relacionados à discussão de vigilância.

Os dados apresentados foram obtidos por meio de duas coletas utilizando a plataforma YouTube Data Tools¹². Para sistematização do conteúdo, escolhemos no modo *Video List* a opção *Search query*, que cria uma lista de vídeos a partir da busca por uma tag definida pelo usuário. Primeiro, buscamos pela palavra-chave “lésbicas”, no dia 20 de setembro de 2018, e posteriormente pela palavra-chave “sapatão”, no dia 11 de outubro de 2018. Para as duas coletas, utilizamos os seguintes critérios: *iterations* 10, sem classificações para *published* e organizado por contagem de visualizações em *rank by*¹³. O programa gera uma tabela de 500 vídeos com suas informações de data de publicação, nome do canal, duração, categoria do YouTube, entre outras.

É preciso ressaltar que na busca pelos vídeos que continham a palavra “lésbicas” constaram apenas 362 vídeos, o que significa que este é o número total de vídeos no YouTube cujo título contém o termo “lésbicas”. Já a tabela com os vídeos que continham a palavra “sapatão” no título atingiu os 500 itens.

A fim de implementar uma abordagem qualitativa dos vídeos, assistimos a cada um deles e traçamos categorias autoemergentes¹⁴, que foram posteriormente recompiladas, levando às três categorias com as quais trabalhamos¹⁵: *Fetichismo; Violência; Narrativas e Experiências*.

A categoria *Fetichismo* é composta por vídeos com olhar de uma terceira pessoa, com conteúdo voltado a um apelo sexual na figura da lésbica que a objetifica. É importante destacar que esta categoria é a

¹² A plataforma YouTube Data Tools é uma ferramenta de coleta de dados, com software livre. Pode ser acessada na página: <<https://tools.digitalmethods.net/netvizz/youtube/index.php>>.

¹³ Os requisitos de buscas utilizados se referem a forma que refinamos nossa coleta. A opção *Video List* é sobre como queremos o resultado da coleta, ela nos dá um arquivo de tabela contendo em lista os vídeos resultados. A opção *Search query* é sobre qual será nosso ponto de partida, assim escolhemos buscar por uma palavra (no caso, primeiro usamos “lésbicas” e depois “sapatão”). *Iterations*, é sobre a quantidade de vídeos que teremos como resultado, *Published* é sobre o período temporal, se quisermos filtrar por vídeos postados de uma data a outra. Por último, *rank by* é como queremos que os vídeos sejam ordenados.

¹⁴ As categorias inicialmente encontradas foram Casais, Narrativas e experiências lésbicas, Filmes/Séries/Novelas, Fetichismo, Ironia, Preconceito, Visibilidades, Religioso, Senso Comum, Outros, Entretenimento LGBT, Movimento LGBT, Games, Eleições, Misandria, Sensual, Violência, Política, Não Relacionados e Fandom.

¹⁵ Procedimento similar de agrupamento das categorias foi feito por Faithe Day (2017) no artigo “Between Butch/Femme: On the performance of race, gender, and sexuality in a YouTube web series”.

que possui o maior número de visualizações. Além disso, ela se apresentou exclusivamente na coleta “lésbicas” e corresponde a 29,07% de visualizações e 17,3% vídeos registrados.

A categoria *Violência* reúne os vídeos que apresentam diversas formas de agressão. Dentre elas constam violência física, moral, psicológica, violência de gênero e agressão sexual. A categoria é exclusiva da coleta “sapatão”, contabilizando 9,28% de visualizações e com 3,8% de registros.

Narrativas e experiências é a categoria composta por vídeos sobre vivências de lesbianidades, sendo utilizada na classificação de ambas as coletas. Esta categoria corresponde às produções de conteúdo de voz própria e, por isso, vem a ser uma categoria mais representativa. Mulheres lésbicas encontram esse espaço para falar e discutir sobre suas diferentes vivências, para apontar quais são as pautas que desejam discutir, para conviver e tornar suas vivências públicas. Os vídeos são, portanto, um registro vivo de suas histórias. A categoria perpassa as duas coletas de formas diferentes, contando 23,91% de visualizações e 29,20% dos vídeos registrados na coleta “sapatão” e, na coleta “lésbicas”, 21,38% de visualizações e 25,9% dos vídeos registrados.

Análise dos dados

A análise dos 862 vídeos que compõem nossa amostra aponta para uma diferença de conteúdo entre os componentes das coletas com as tags “lésbicas” e “sapatão”. A própria classificação que emerge da análise dos vídeos aponta para tal. Se em ambas as coletas temos a categorias *Narrativas e Experiências*, em “lésbicas”, utilizamos para compor a análise a categoria *Fetichê*, enquanto em “sapatão” a agressividade mais explícita inspirou o surgimento da categoria *Violência*. Assim, compusemos dois gráficos com as categorias de cada coleta para traçar uma comparação¹⁶ entre elas.

¹⁶ Normalizamos os dados da coleta total com intuito de explicitar a comparação entre as categorias apresentadas neste artigo, assim constam aqui apenas os dados destas três categorias.

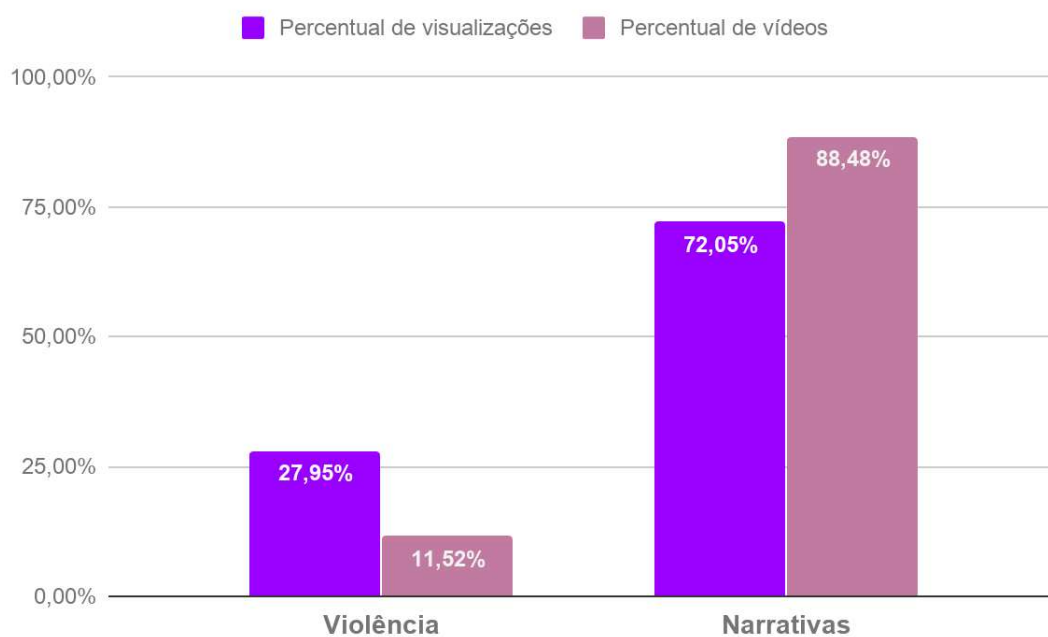


GRÁFICO 1

Percentual de vídeos e de visualizações da coleta com a tag “sapatão”, por categoria

Fonte: dados das autoras

A coleta “sapatão”, apresentada no GRAF. 1, possui um percentual de vídeos superior na categoria Narrativas e experiências se comparada a Violência, respectivamente 88,48% e 11,52% dos vídeos. Em relação ao percentual de visualizações, Violência conta com 27,95% e Narrativas com 72,05%. Dessa forma, ainda que a categoria de voz própria tenha maior número absoluto tanto de vídeos e de visualizações, é importante pontuar que a categoria *Violência* tem mais visualizações do que vídeos, na verdade, mais do que o dobro, nos apontando que cada vídeo é assistido (em média) mais do que duas vezes por quem o acessa.

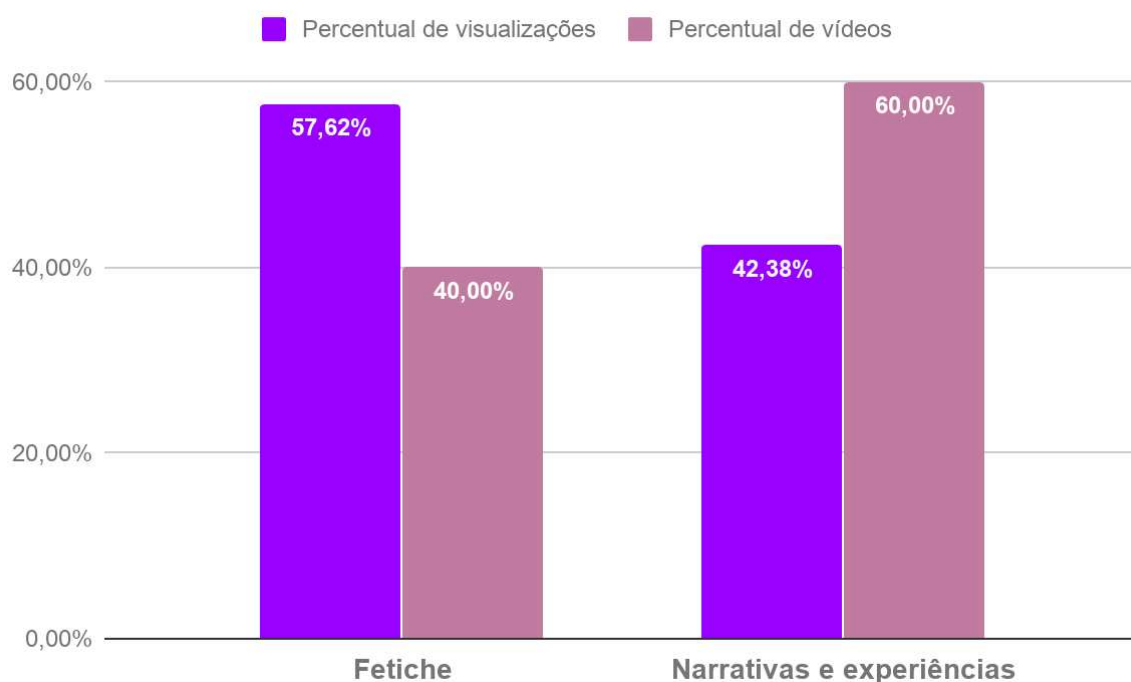


GRÁFICO 2

Percentual de vídeos e de visualizações da coleta com a tag “lésbicas”, por categoria

Fonte: dados das autoras

A partir do GRAF. 2, é possível comparar as categorias *Fetichê* e *Narrativas e Experiências*, advindas da coleta com a tag “lésbicas”. Percebemos que quantitativamente há menos vídeos em *Fetichê* do que em *Narrativas e Experiências*, respectivamente 40% e 60% dos vídeos. Mas o alcance dos vídeos, em termos de número de visualizações, é maior na categoria *Fetichê* do que em *Narrativas e Experiências* - algo semelhante ao que se deu na coleta “sapatão”, com a categoria *Violência*.

Nas duas coletas, a categoria *Narrativas e Experiências* aponta para uma produção mais ampla sobre as lesbianidades a partir de um olhar das próprias mulheres, que tecem as narrativas sobre si, suas vivências, seus corpos. Tais vídeos são de grande importância, pois têm a potência de publicizar as vozes de mulheres tradicionalmente invisibilizadas. Entretanto, a análise dos dados mostra que o percentual de visualizações de tais vídeos é relativamente baixo: na média, cada vídeo não chega a ser visualizado uma vez. Ou seja, ainda que haja um registro das mulheres sobre suas práticas e identidades relacionadas às lesbianidades, do ponto de vista da circulação do conteúdo, tais vídeos seguem uma relativa invisibilização.

A situação se inverte quando olhamos para as categorias *Violência* e *Fetichê*. Mesmo havendo políticas do YouTube no sentido de combater as diversas formas de violência nos vídeos publicados

na plataforma, eles seguem existindo, como mostraremos nas próximas páginas. Para além disso, sua circulação, em nosso corpus, é mais alta do que a dos vídeos em que as mulheres lésbicas falam sobre suas experiências.

Em ambas as coletas, ainda que haja uma quantidade de vídeos menor nas categorias Violência e Fetiche, sua média de visualizações é maior que um - ou seja, na média, todos os vídeos foram vistos ao menos uma vez e, em geral, mais de uma. Os vídeos da categoria Violência, na coleta “sapatão”, têm esse índice ainda mais elevado do que em Fetiche (coleta “lésbicas”), ultrapassando a quantidade média de duas visualizações. Tais números apontam para uma procura por vídeos com conteúdo pertinente à objetificação da mulher lésbica e de dominação e inferiorização desses modos de vidas e corpos, como fica claro nas descrições dos vídeos, a seguir.

Para que a divisão em categorias fique mais clara, apresentaremos a seguir exemplos dos vídeos que compõem cada uma delas. Começando por Narrativas e Experiências, com o vídeo “PODE A SAPATÃO FALAR? #VISIBILIDADELESBICA | SAPATÃO AMIGA”¹⁷, vídeo de 13 minutos, em formato de entrevista, em que com algumas youtubers lésbicas respondem à pergunta do título, falando sobre sexualidade, visibilidades e subjetividades.



FIGURA 1

frames do vídeo PODE A SAPATÃO FALAR? #VISIBILIDADELESBICA | SAPATÃO AMIGA

A descrição do vídeo termina com a frase “Ser sapatão é pura potência e maravilhosidade. #visibilidadelesbica”, remetendo a conceitos da militância lésbica, das ciências sociais e do engajamento político. Até o momento da escrita desse artigo (junho de 2019), o vídeo foi visto mais de 2 mil vezes, tem 181 likes e não tem dislikes. O alto índice de visualizações em relação à média da

¹⁷ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=8H_hcBAA2PU&

categoria e as reações ao vídeo, como likes e comentários, nos levam à hipótese de que o público interessado nesses vídeos seja de uma maioria de mulheres lésbicas e bissexuais.

Entre o material que compõe a categoria *Violência* da coleta com a tag “sapatão”, destacamos o vídeo “gostosa safada passando, porem era sapatão”¹⁸. Nele, um homem sem camisa, de boné, é filmado por outro homem. Enquanto os dois fazem piadas, percebem uma mulher que se aproxima no final da rua. O homem que filma faz um zoom e chama a atenção do outro, que afirma: “Essa aí é sapatão, que anda com aquela de bermuda”. O diálogo que segue desqualifica a mulher do ponto de vista da sexualidade e do gênero, expondo sua imagem e a discriminando.

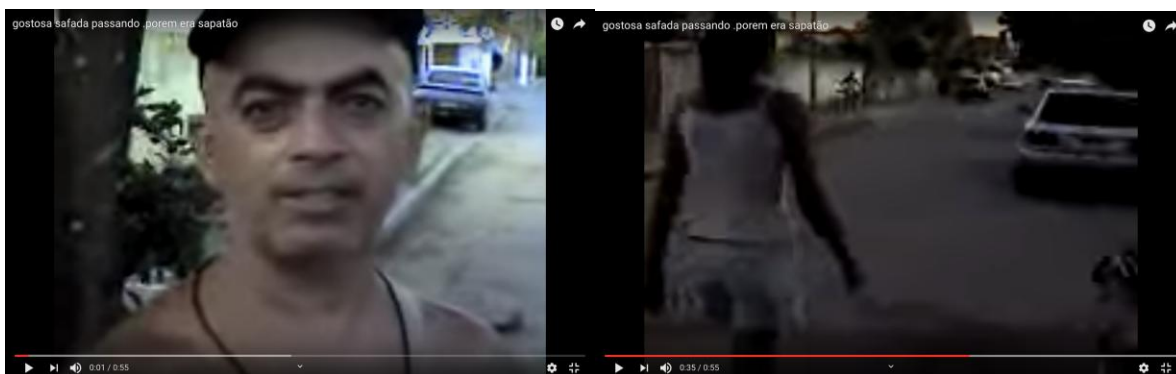


FIGURA 2

frames do vídeo gostosa safada passando .porem era sapatão

O canal em que o vídeo da FIG.2 está publicado, pikagalatica, tem apenas 36 inscritos, mas o vídeo conta com 2776 visualizações, 3 likes, 2 dislikes. A descrição afirma que “esse cara ai falou q até hoje ja comeu 1244 mulheres diferentes.....traça de tudo ...agora ele ker fazer o recorde do xota 2k ..a festa.....será que ele coinsegue ?”.

O diálogo entre os dois homens remete à relação entre a norma e a vigilância. A suposta lesbianidade da mulher que é alvo das humilhações proferidas pelos dois homens faz dela, ao olhar deles, menos legítima, menos digna de respeito; a coloca numa posição de gênero hierarquicamente inferior a outras mulheres - e, notadamente, também aos próprios homens, que se sentem no direito de expô-la e humilhá-la. Ao supostamente fugir dos padrões de gênero, ela se configura como menos mulher e menos humana. Ainda que não tenha sofrido violência física, como se dá em outros vídeos da mesma categoria, é inegável a violência que compõe o vídeo.

No que se refere à coleta “sapatão”, há ainda vídeos de violência explícita, que apontam para uma sanção física, direta, que é aplicada aos corpos de sexualidade dissidente. O termo “sapatão” é evocado no título dos vídeos como forma de caracterizar pejorativamente uma conduta, como se

¹⁸ Disponível em <https://youtu.be/-TRomSdtrts>

apenas por ser “sapatão” o alvo da violência merecesse tal punição. A relação entre a orientação sexual e a violência é direta: seja sapatão e seja punida por isso. O que demonstra uma operação de vigilância que identifica um padrão desviante e o pune a fim da manutenção do potencial coercitivo da norma.

Em contrapartida, a apropriação do termo “sapatão” nos vídeos de *Narrativas e Experiências*, corrobora com a nossa compreensão da norma também como produtora de subjetividades. Assim, “sapatão” nessas produções caracteriza-se como uma forma de resistência ao falar sobre si, subvertendo a conotação negativa que essa forma de nomeação pode carregar em outros contextos. Um movimento semelhante ocorreu com a apropriação do termo *queer*, que originalmente era utilizado para se referir de forma discriminatória aos sujeitos cuja conduta desviava de um ideal normativo.

Já na coleta com o termo “lésbicas”, notamos diferenças na maneira como as categorias se configuram. Um exemplo componente de *Narrativas e Experiências* é o vídeo da FIG. 3. Entendemos que o material dessa categoria pode servir como uma confrontação de estereótipos que caracterizam as lesbianidades no senso comum e que reforçam a vigilância nas fronteiras das sexualidades. Dessa maneira, produzir saberes acerca da própria experiência é um modo estratégico de colocar em xeque ideais normativos dominantes.



FIGURA 3

frames do vídeo COISAS QUE LÉSBICAS CANSARAM DE OUVIR | O QUE NÃO DIZER PARA LÉSBICAS | DRelacionamentos - Canal DRelacionamentos (2017)¹⁹

Em seus pouco mais de dois minutos, o vídeo da FIG.3 procura apresentar de forma bem humorada perguntas clichê que as mulheres que se identificam como lésbicas costumam ouvir. Reúne youtubers lésbicas reconhecidas e procura apresentar respostas irônicas. O vídeo tem um alto índice de visualizações, ultrapassando a marca de 1 milhão, com 61 mil likes e 1 mil dislikes.

Ao comparar os vídeos das FIG. 1 e FIG. 3, é possível notar uma diferença que marca as coletas com as tags “sapatão” e “lésbicas”. Ainda que a categoria *Narrativas e Experiências* reúna registros feitos por mulheres que se identificam como lésbicas ou bissexuais, como já dissemos, os vídeos que apresentam o termo sapatão em seu título apontam mais comumente para uma discussão que se aproxima do ativismo, assume para si uma politização mais marcada.

Outra categoria da coleta “lésbica”, *Fetichê* aponta para uma forma de regulação de gênero mais sutil, ainda que também possa ser configurada como uma prática de violência. Como podemos ver na FIG. 4, o vídeo de duas jovens se beijando pressupõe um olhar externo tradicional, que em nossa sociedade se configura como masculino. As mulheres se comportam não em função uma da outra, mas suas práticas se constituem em relação a um terceiro, espectador.



FIGURA 4

frames do vídeo Lésbicas perfeitas (2014)²⁰

¹⁹ Disponível em <https://youtu.be/t4PfhTildGs>

²⁰ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=SSKQNJwXJCw>

O vídeo “Lésbicas perfeitas” tem mais de 3 milhões de visualizações e é composto por duas jovens francófonas se beijando com uma trilha sonora no fundo. Em certos momentos elas param, olham para a câmera, fazem poses e caretas, piscadelas e se beijam de novo. Ambas estão maquiadas, sua aparência física corresponde a padrões de gênero, com cabelos lisos e compridos. O vídeo está publicado no canal Beh Cardoso, que tem 10 mil inscritos, apesar de ter postado somente este vídeo.

A FIG. 4 também mostra uma outra característica: o vídeo é apresentado no YouTube com restrição de idade, apesar de não ter cenas de conteúdo sexual ou de violência. Curioso perceber que o beijo entre duas jovens possa significar restrição etária, enquanto os diversos vídeos com violência física ou verbal de nossa amostra sejam de acesso livre a todas as idades.

A análise dos vídeos da categoria *Fetichê*, com o seu alto índice de visualizações, remete à objetificação que torna os casais de lésbicas alvo de apreciação de um olhar externo, como uma forma de garantir o domínio masculino aos corpos das mulheres lésbicas (Rich, 2010). Diferente da violência explícita, o fetichê não confronta diretamente a sexualidade dissidente através da punição física, mas a torna um objeto a ser explorado, ou seja, a operação da vigilância nesse caso atua de modo a prescrever comportamentos de submissão das lesbianidades ao desejo masculino. É uma sanção normatizante que deslegitima o afeto entre mulheres ao inserir compulsoriamente a heterossexualidade na cena, introjetando o olhar masculino sobre a relação lésbica.

Esse “olhar masculino” tem sido explorado por autoras feministas e críticas do cinema ao analisarem a representação das mulheres nas mídias. O “*male gaze*”, termo usado por Laura Mulvey (1999) para discutir a objetificação de personagem femininas por parte de produtores e espectadores homens, em geral diz respeito ao uso das mulheres como *espetáculo* nos filmes, inseridos em uma perspectiva masculina.

Scanlon e Lewis (2017) pesquisaram sobre a experiência de mulheres espectadoras frente a representação das lesbianidades nas mídias e identificaram que os principais problemas dos conteúdos era justamente a objetificação sexual e a perspectiva masculina sobre essas experiências. De acordo com as autoras, existe historicamente uma apropriação de “versões” da sexualidade lésbica para a produção de conteúdo pornográfico para uma audiência de homens heterossexuais, sendo identificadas fantasias estereotipadas de “transar com duas mulheres” ou “assistir a duas mulheres transando”. Ainda que essas fantasias não sejam exatamente sobre mulheres lésbicas, uma vez que elas podem não se identificar dessa maneira, esse desejo aponta para um aspecto de controle da sexualidade feminina, colocando-a à disposição do prazer masculino.

Em nossa coleta, encontramos diversos vídeos com conteúdos erotizados de mulheres lésbicas, e tivemos que nos perguntar: essa produção foi feita a partir de qual olhar? Por quem e para quem? Vídeos erotizados podem ser produzidos pelas próprias mulheres lésbicas, compartilhados entre elas. Esse material ocupa um importante vazio de representação. Porém, as lentes normativas localizam a heterossexualidade como única sexualidade legítima e, a partir dessa prescrição, “a experiência lésbica é percebida através de uma escala que parte do desviante ao odioso ou a ser simplesmente apresentada como invisível” (RICH, 2010: 21).

Considerações Finais

A análise de nosso corpus aponta para o fato de que a vigilância não é homogênea e nem unificada, sendo mantida por diferentes setores, modos de vigiar e objetivos (Bruno, 2013) e com ambiguidades estruturais que perpassam seus modos de ser. Uma delas se dá pelo fato de que a internet e o conteúdo nela produzido, compartilhado e conectado é colaborativo, de maneira que isto pode operar simultaneamente como resistência e subversão das normas de produção de saber e poder e como sua reafirmação. Por outro lado, este mesmo processo colaborativo produz dados sobre todos os membros da rede – dos que apenas assistem e dos que produzem o conteúdo – dados estes que podem ser manipulados e utilizados a serviço de outros e mais amplos sistemas de normatização, como a própria matriz heterossexual apontada por Butler (2003), reconfigurando o controle dos corpos, gêneros e sexualidades.

No YouTube convivem conteúdos de compartilhamento de vivências e narrativas de lesbianidades, vídeos fetichizados dessas experiências e conteúdos de violência e abuso. Sendo que estes dois últimos, apesar de somarem menor número de vídeos, contam com o maior número de visualizações. O que demonstra uma operação de vigilância que identifica um padrão desviante e o pune e/ou o objetifica, a fim da manutenção do potencial coercitivo da norma.

As formas de registro e circulação de conteúdo típicas dos fluxos digitais têm incidido na própria produção das lesbianidades e criado redes (de afeto e apoio, de informação, de relações afetivo-sexuais, de ódio, de violência, de perigo e exposição) entre mulheres lésbicas e bissexuais e destas com outros setores da sociedade. Assim, a vigilância em si se constrói no tensionar de um reforço das normatividades e na produção de narrativas e caminhos de resistência.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, G; HEILBORN, M. L. (2008). Não somos mulheres gays: identidade lésbica na visão de ativistas brasileiras. *Gênero*, 9(1), 225-249.
- BRUNO, F. (2013). **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulina.
- GREEN, J., & BURGESS, J. (2009). **YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. São Paulo: Aleph, 17.
- BUTLER, J. (2003). **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- _____. (2014). Regulações de gênero. *Cadernos Pagu*, 42.
- CARRARA, S; SIMÕES, J. A. (2007). Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. *Cadernos Pagu*, 28.
- FACCHINI, R. (2008). Vinte anos depois: mulheres, (homo)sexualidades, classificações e diferenças na cidade de são paulo. *Gênero*, 9(1), 195-223.

- FACCO, L. (2003). **As heroínas saem do armário: literatura lésbica contemporânea**. São Paulo: edições GLS.
- FOUCAULT, M. (2014). **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. (20ª ed.). Petrópolis: Editora Vozes.
- GUILLAUMIN, C. (1994). "Enquanto tivermos mulheres para nos darem filhos: a respeito da raça e do sexo. **Estudos feministas**, N. E., 2o semestre. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/artide/viewFile/16106/14649>>. Acesso em 01 dez. 2018.
- HENNEGAN, A. (1998). Introdução. In: HALL, Radclyffe. **O poço da solidão**. Rio de Janeiro: Record. p.7-15.
- LESSA, P. (2007). O feminismo-lesbiano em Monique Wittig. **Ártemis**, 07, 93-100.
- MÍCCOLIS, L., & DANIEL, H. (1983). **Jacaré e lobisomens: dois ensaios sobre a homossexualidade**. Rio de Janeiro: Achiamé.
- MULVEY, L. (1989). Visual pleasure and narrative cinema. In **Visual and other pleasures** (pp. 14-26). Palgrave Macmillan, London.
- PRECIADO, P. (2011). **Transfeminismo no regime fármaco-pornográfico**. Disponível em: [http://www.academia.edu/download/35910486/Preciado - Transfeminismo no Regime Farmaco-pornografico.pdf](http://www.academia.edu/download/35910486/Preciado_-_Transfeminismo_no_Regime_Farmaco-pornografico.pdf) Acesso em: 05 jun 2019
- RAEWYN, C; PEARSE, R. (2015). **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: nVersos.
- RICH, A. (1980). Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. **Signs**, 5(4), 631-660.
- _____. (2010). Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas**, (5), 17-44.
- SCANLON, J., & LEWIS, R. (2017). Whose sexuality is it anyway? Women's experiences of viewing lesbians on screen. **Feminist Media Studies**, 17(6), 1005-1021.
- VAN DIJCK, J. (2013). **The Culture of Conectivity**. New York: Oxford Press.
- WITTIG, M. (1980). **O Pensamento Hétero**. Recuperado em 01 dez. 2018 de https://we.riseup.net/assets/134062/Wittig,+Monique+O+pensamento+Hetero_.pdf.